



Reportagens veiculadas pelo Balanço Geral e recepção por integrantes de hortas comunitárias urbanas¹

Adriana Maria Donini²

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp)

RESUMO

Este artigo tem como objetivo apresentar a relação entre conteúdo de reportagens sobre meio ambiente veiculadas pelo Balanço Geral, programa exibido pela Record Paulista, e a recepção desses vídeos pelos integrantes do Programa de Horta Comunitária de Botucatu. Para tal, será analisado o enquadramento das reportagens por meio de categorias como fontes de informação, trechos de entrevistas selecionadas, além de serem estudados a clareza da linguagem e potencial educativo das informações veiculadas. Também compõem este trabalho a percepção e produção de sentido estabelecidas pelos receptores, identificadas por meio de grupos focais e sob a ótica dos estudos de recepção latino-americanos.

PALAVRAS-CHAVE: Balanço Geral; horta comunitária; meio ambiente; recepção

INTRODUÇÃO

De acordo com o Plano Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2009, 95,7% dos domicílios brasileiros contavam com pelo menos um aparelho de televisão, meio de comunicação bastante muito utilizado como fonte de informação, principalmente se considerarmos os conteúdos exibidos pelos programas denominados jornalísticos.

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 12 a 14 de maio de 2011.

² Mestranda em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp). E-mail: dridonini@yahoo.com.br



Porém, o meio adota características peculiares em suas produções como, por exemplo, escolha de entrevistados e trechos de falas que, de certa forma, direcionam e delimitam os conhecimentos veiculados e criam uma espécie de moldura da realidade.

A partir da década de 1980, no campo de pesquisa relativo aos meios de comunicação, começa a ganhar força um novo pensamento comunicacional na América Latina: os estudos de recepção. Assim, alguns acadêmicos deixam de priorizar em suas pesquisas as vertentes teóricas que consideravam os meios como poderosos e o público influenciado pelos mesmos, sem poder de ressignificação das mensagens. A recepção passa a ser vista, então, não apenas como uma etapa do processo comunicacional. Dessa maneira, na relação do público com os meios devem ser contemplados outros aspectos como sociais, políticos, culturais e educacionais. Esses estudiosos ainda acreditam que as pessoas têm o poder de reelaborar as mensagens ou negociar seus sentidos tendo por base seus repertórios e interesses próprios.

Desde 2004, o município de Botucatu, localizado no interior do Estado de São Paulo, a aproximadamente 230 Km da capital, conta com o Programa de Horta Comunitária, que tem como objetivos a geração de renda e também alimentação saudável e de baixo custo tanto para os integrantes como para a população de Botucatu.

Diante dos conteúdos expostos, procuramos analisar reportagens sobre meio ambiente veiculadas pelo programa *Balanço Geral*, pertencente à Record Paulista, exibidas a integrantes de quatro hortas que compõem o Programa de Horta Comunitária de Botucatu, sendo que as escolhidas foram a da Vila Ema, do Jardim Ciranda, Comerciaris e Asilo. O intuito foi compreender como se deu a interação entre os conteúdos veiculados e a recepção.

Aspectos relacionados aos conteúdos televisivos

As emissoras de televisão constituem-se em um meio de produção e transmissão de mensagens e também, ao mesmo tempo, são instituições que estão interligadas a outras seja de maneira econômica, política ou cultural. Para Orozco (1996), esse papel de dualidade da TV lhe confere certa distinção a qual proporciona que ela possa se valer de recursos técnicos para ampliar seu poder legitimador frente à audiência. Entre esses artifícios o autor inclui a apelação emotiva.



No caso específico das reportagens, também pode se destacar que as mesmas seguem alguns critérios antes de serem veiculadas como preferência por temas de maior impacto humano, adequação ao tempo e ao público-alvo. Assim, fontes escolhidas pelos jornalistas em detrimento a outras possíveis, o espaço concedido a determinado assunto e o trecho da fala de um entrevistado que é selecionado são alguns exemplos de que há interferência no conteúdo jornalístico que chega até o público.

Portanto, apesar de a objetividade e a imparcialidade no jornalismo serem utilizadas nos discursos de alguns veículos de comunicação e figurarem entre as regras a serem seguidas pelos profissionais, sabemos que, se considerarmos as condições de produção das notícias, esses conceitos na realidade são um mito.

Consideramos também em nosso estudo o que alguns teóricos denominam de enquadramentos ou *framing*, ou seja, recursos que organizam os discursos e as interpretações sobre os fatos e tornam algumas ideias mais enfáticas que outras.

Uma definição clássica de enquadramento é a de Entman (1993, p. 52 apud Leal, 2009, p. 4):

Enquadramento envolve essencialmente seleção e saliência. Enquadrar é ‘selecionar alguns aspectos de uma realidade percebida e fazê-los mais salientes em um texto comunicativo, de forma a promover uma definição particular do problema, uma interpretação casual, uma avaliação moral e/ou uma recomendação de tratamento’ para o item descrito.

Segundo Porto (2004), Gitlin apresentou a primeira definição mais clara e sistemática sobre enquadramento. Para ele:

Os enquadramentos da mídia... organizam o mundo tanto para os jornalistas que escrevem relatos sobre ele, como também, em um grau importante, para nós que recorremos às suas notícias. Enquadramentos da mídia são padrões persistentes de cognição, interpretação e apresentação, de seleção, ênfase e exclusão, através dos quais os manipuladores de símbolos organizam o discurso, seja verbal ou visual, de forma rotineira. GITLIN (1980, p. 7 apud PORTO, 2007, p. 115)

Assim, esse autor enfatiza não apenas o enquadramento do ponto de vista da produção de notícias, mas também relacionado à recepção do conteúdo veiculado pela mídia.



Estudos de recepção latino-americanos

Conforme já destacamos, esse trabalho também contempla os estudos de recepção latino-americanos para compreender a percepção dos participantes sobre as reportagens.

Os estudos de recepção na América Latina, que começaram a ganhar força na década de 1980, foram desenvolvidos inicialmente pelo filósofo espanhol Jesús Martín-Barbero, pesquisador que desloca as análises da centralidade dos meios para as mediações, que passam a ter papel fundamental no processo de recepção e, segundo ele, correspondem a um conjunto de fatores que estrutura, organiza e reorganiza a percepção e apropriação da realidade por parte do receptor.

Martín-Barbero acredita que as pessoas reinterpretam o que leem, ouvem ou veem tendo por base repertórios próprios os quais são influenciados pelo bairro em que elas moram, pela escola, local de trabalho, associações das quais fazem parte, religião, o que significa dizer que há interferência de diversos fatores no processo comunicacional, ou seja, de mediações.

Esse conceito será apresentado por Martín-Barbero em uma de suas principais obras: *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*, publicada inicialmente, em espanhol, no ano de 1987. Na época, ele propôs três tipos de mediações em relação à recepção televisiva: a cotidianidade familiar, a temporalidade social e a competência cultural.

O autor explica que a cotidianidade não se limita ao âmbito da recepção, mas que as marcas relativas à família estão no próprio discurso da TV e se manifestam de duas maneiras: por meio da simulação de contato e do emprego da linguagem coloquial. Isso equivale a dizer que, para adentrar ao espaço familiar, o personagem, que no caso de telejornais seria o apresentador (interlocutor), vale-se de uma linguagem que o aproxima do público, utilizando termos simples, clareza e economia de palavras.

Por temporalidade social, Martín-Barbero (2003) entende o tempo cotidiano, das culturas populares, o qual é produzido por fragmentos, e não o tempo produtivo.

Ao comentar a competência cultural, o autor aborda a relação TV/cultura. Segundo o estudioso, a televisão, a partir dos gêneros, ativa a competência cultural. Para Wottrich, Silva e Ronsini (2009), a competência cultural está relacionada às



experiências culturais que o indivíduo adquiriu ao longo da sua vida, não apenas por meio da educação formal, mas também refere-se ao que ele aprendeu em seu cotidiano.

Mais adiante, Martín-Barbero passa a considerar as mediações socialidade, institucionalidade, ritualidade e tecnicidade. O autor entende socialidade como algo que é gerado nas tramas das relações cotidianas que se dá entre os homens, como uma espécie de ancoragem do que ele denomina de práxis comunicativa e que, para ele, resultaria dos usos e modos coletivos da comunicação. Na opinião de Martín-Barbero, observada sob essa ótica, a Comunicação se revela como constituição de sentido e construção e desconstrução da sociedade. Dessa forma, haveria uma apropriação cotidiana além das instituições, que consegue se sobressair em meio à hegemonia.

Já institucionalidade é apresentada por Martín-Barbero (2003, p. 17) como:

(...) uma mediação de interesses e poderes contrapostos, que tem afetado e continua afetando, especialmente a regulação dos discursos que, da parte do Estado, buscam dar estabilidade à ordem constituída e, da parte dos cidadãos – maiorias e minorias –, buscam defender seus direitos e fazer-se reconhecer, isto é, re-constituir permanentemente o social.

As ritualidades, por sua vez, mediarão os Formatos Industriais (FI) e as Competências de Recepção (CR), figurando como um nexos simbólico que sustenta o processo de comunicação. A sua relação com os FI regulariam a interação entre os espaços e tempos da vida cotidiana e os espaços e tempos dos meios. Já a partir das CR, as ritualidades remetem aos diferentes usos sociais dos meios e às diversas trajetórias de leitura, que variam de acordo com gosto, nível de escolaridade, classe social, etc.

O pesquisador Guillermo Orozco Gómez desenvolveu o modelo de enfoque integral ou das múltiplas mediações. No livro *Televisión y Audiencias: un enfoque cualitativo*, de 1996, ele divide as mediações em quatro grupos: individual; situacional; institucional; e videotecnológica.

Quanto a essa classificação, a individual é a que parte do sujeito, enquanto indivíduo ou sujeito social, pertencente a uma cultura. Ela é subdividida em cognitiva, conjunto de fatores que influem na aquisição de conhecimento como valores, crenças, informações e emoções; e estrutural que envolve gênero, religião, nível de escolaridade, idade e etnia. Já a situacional está relacionada à situação da interação como estar só ou



acompanhado, vai além do simples contato com a televisão e, segundo Orozco, pode se multiplicar de acordo com os diferentes cenários em que se desenvolvem a interação.

A institucional refere-se às instituições as quais o receptor pertence como escola, igreja, empresa, partido político, família. E a videotecnológica às características próprias do meio televisivo como a programação, o gênero e a publicidade.

Análises: integrando veiculação e recepção

A seguir, apresentaremos análises de reportagens que enfocaram a temática ambiental e foram veiculadas pelo *Balanço Geral*, no período de 1º a 10 de dezembro de 2009, e as leituras realizadas pelos integrantes do Programa de Horta Comunitária de Botucatu. O referido programa vai ao ar pela *Record Paulista*, de segunda a sábado, das 12h às 13h15.

Em relação aos vídeos, consideramos as seguintes categorias: fontes de informação, trechos das falas dos entrevistados que foram selecionados, grau de objetividade presente nas declarações do apresentador e do repórter. Também os aspectos que nortearam as discussões dos grupos focais como clareza da linguagem e potencial educativo dos conteúdos veiculados.

A percepção e produção de sentido dos integrantes do Programa de Horta Comunitária em relação às reportagens foi obtida por meio de resultados de grupos focais que integram pesquisa de mestrado de nossa autoria e que está em fase de conclusão. Vale destacar que selecionamos apenas alguns trechos de falas que consideramos mais elucidativos para exemplificar essa associação entre o que foi dito e como esse conteúdo foi recebido.

Sobre a técnica grupo focal, Costa (2005, p. 181) expõe que: “Grupos focais são um tipo de pesquisa qualitativa que tem como objetivo perceber os aspectos valorativos e normativos que são referência de um grupo em particular. São na verdade uma entrevista coletiva que busca identificar tendências”.

Reportagem: Envenenamento de gatos em Botucatu

Esta reportagem trata de possível envenenamento de gatos em um bairro de Botucatu. O repórter começa sua fala dizendo que “Gato solto na rua, sem o cuidado



“pode estar em perigo”, porém, pelos trechos das falas das entrevistadas (proprietárias dos gatos que teriam sido envenenados), a impressão é que cuidavam dos animais, tendo em vista que uma delas disse que castrava os seus felinos e que eles não andavam mais de dois quarteirões de sua casa. “Eu pego os gatos de rua e mando castrar para não incomodar ninguém. Andam um ou dois quarteirões e sempre estão em casa”.

E outras duas disseram que os consideravam como membros da família. “Os gatos são castrados, vacinados, vermifugados. São gatos da casa da gente, que a gente ama”; “A gente sente-se lesada porque os bichinhos da gente é como se fosse da família”.

Assim, notamos que a tentativa de alarmismo da produção se sobrepôs à coerência do conteúdo abordado.

Durante a reportagem, foi utilizada linguagem que consideramos de fácil compreensão. Quanto ao aspecto educativo, consideramos que deveria ter sido citada legislação específica sobre os maus tratos de animais, os direitos dos proprietários e como devem proceder. Também canais a serem utilizados para denúncias como, por exemplo, números de telefones destinados a esse tipo de ação.

Foram incluídas como fontes duas moradoras que possuem gatos que teriam sido mortos; uma representante da Associação Protetora dos Animais (APA) de Botucatu que cobra investigação e punição para quem está adquirindo e também quem vende o veneno; o supervisor do Setor de Zoonoses, o qual fala que existem alguns produtos que são liberados para uso comercial, que há os que são proibidos e competiria aos municípios denunciarem quem vende; e um menino, no final da matéria, que disse: “Ah, por favor, eu quero que eles parem de matar nossos bichinhos”. A fala da criança possivelmente foi escolhida e disposta nessa sequência para deixar a reportagem mais emotiva.

O apresentador ainda diz que a Assessoria de Comunicação da Prefeitura de Botucatu informou que a fiscalização da venda de venenos proibidos é feita periodicamente pela Vigilância Sanitária Municipal e que ninguém desse órgão quis gravar entrevista. No final, ele expõe sua opinião, deixando mais uma vez a subjetividade predominar, e estabelece a seguinte “conversa” com o telespectador:

Olha, se você não gosta de cachorro, não cria cachorro. Não gosta de passarinho, não coloca o passarinho na gaiola, num compra. Não gosta de trabalhar, não vai trabalhar, pra ficar só reclamando. Agora não

gosta de gatinho, não precisa matar, tem gente que gosta [...] Mas deixa o bichinho passear. Se passar pela sua porta, se está incomodando, vai lá com o dono, é seu? [...] Agora matar 20. Quem será que está sendo cruel desse jeito?

Assim, o enquadramento da reportagem tendeu ao emotivo.

Quanto à recepção, percebemos que um dos integrantes dos grupos focais acolheu tentativa de diálogo ao concordar com essa fala do apresentador. “Se não gosta de gato, não compra. Está certo ele. Se não gosta, dá para quem gosta”. Ao falar: “Está certo ele” podemos entender que, ao apresentador estabelecer uma “conversa” com o telespectador, esse aspecto refletiu no discurso do participante e essa seria uma das vertentes incluídas por Martín-Barbero na mediação cotidianidade familiar, ou seja, o interlocutor conseguiu uma interação com o telespectador.

A emotividade produzida por meio das informações apresentadas refletiu também na maneira como a maioria recebeu essa informação, aspecto que ficou evidente em vários comentários realizados e em expressões demonstradas pelos trabalhadores das hortas comunitárias, conforme percebemos nessas declarações: “[...] Matar animal pra quê? Ele não faz nada pra ninguém. [...] Tem um homem que dá veneno pros animais. Dá vontade de pegar ele e, em vez de dar o veneno pro animal, dar pra ele, não pros animais, eles são inocentes” (Participante 3 - Horta do Jardim Ciranda); “O bichinho também é inocente. Eles quer viver igual a gente” (Participante 4 - Horta Vila Ema). Nessas falas, identificamos a mediação individual cognitiva proposta por Orozco.

Ainda notamos que os integrantes dos grupos se valeram de situações que já haviam vivenciado ou observam para comentar o assunto como o fato de mencionarem exemplos que envolvem vizinho, irmão e patrão.

Nos trechos a seguir, por exemplo, percebemos a mediação socialidade presente na classificação de Martín-Barbero: “O gato dele (conhecido do participante) ia na casa do outro, ficou com raiva... com tiro de chumbo, de espingarda, matou o gato” (Participante 4 - Horta Vila Ema); “Acontece umas par de vez do gato morrer em cima da casa, jogar carne com veneno. Isso acontece direto aqui na nossa rua”. (Participante 4 - Horta Jardim Ciranda).

Observamos também essa mediação nas declarações da Participante 3 da Horta do Jardim Ciranda: “Ontem mesmo minha patroa estava falando pra gente, né? ‘Ai,



mataram o Tubinho, envenenaram. [...] Aí eu falei pra ela: vai procurar a justiça, alguma coisa, né? Não pode ficar judiando do bichinho. Já é o segundo gato dela que matam”; “Na casa da minha irmã tem 14 gatos, mas ela adora, sabe o que eles faz? Eles pegam um monte de cabeça de peixe e joga no quintal. Assim, aquele monte de gatinho. É gatinho cego, aleijado.

Reportagem: Assinatura de contrato para remoção de amianto no município de Avaré

É abordada a cerimônia para assinatura de contrato para redução do amianto, resíduo que teria sido deixado por indústria que funcionou no município de Avaré, localizado no interior de São Paulo. Na reportagem, foram ouvidos os secretários Estadual e Municipal de Meio Ambiente.

Não houve aprofundamento do assunto e o enquadramento foi em relação ao papel do evento e da atuação governamental na resolução do problema.

Faltou focar a responsabilidade de quem abandonou o material tóxico e a quem pertence o terreno onde está esse resíduo. Também, se não existe a possibilidade de ter atingido à saúde dos que frequentam ou residem próximo ao local durante os seis anos em que essa substância permaneceu naquela área. Ainda consideramos que poderia ter sido dada voz a moradores que, provavelmente, sofreram e ainda enfrentam algum tipo de problema fruto desse abandono do material e mostrados estudos sobre toxicidade.

Essa reportagem não despertou consideravelmente a atenção dos integrantes dos grupos focais. A impressão é que a maioria não abordou o conteúdo dessa matéria durante as discussões porque o assunto não é tão comum e, da forma como foi apresentado, não pareceu estar diretamente relacionado ao cotidiano dos participantes. Também por ter sido citado na reportagem que o problema mostrado se refere a somente outros dois municípios e ainda pelo fato de apenas possíveis malefícios do produto tóxico serem comentados brevemente, sem utilização de exemplos que contemplassem situações vivenciadas por pessoas.

Dos dois trabalhadores que realizaram comentários após a veiculação, um disse que o assunto era interessante e não conhecia essa informação, além de falar que o mesmo deveria ter sido apresentado pelos demais veículos de comunicação. Já outra



integrante associou ao conhecimento que ela possuía sobre amianto e que diferiu da abordagem sobre o tema realizado pelo programa: “Então, eu escutei falar que sabe aquele negócio lá é as telha tudo arruinada. A Eternit fica muito velha, ela fica contaminada pela essa doença e transmite na gente, né? Passa. Que nem eu falo: na minha casa tá tudo velha. Vai ter que trocar.” (Participante 3 - Jardim Ciranda). Assim notamos as mediações competência cultural (Martín-Barbero) e individual cognitiva (Orozco).

Reportagem: Estragos que teriam sido causados por chuva na cidade de Jaú

Nesse caso, foram entrevistados dois moradores, o coordenador da Defesa Civil e do Serviço de Água e Esgoto de Jaú (Saemja). A reportagem se inicia com a explicação de que a tubulação de um córrego canalizado não resistiu ao excesso de água. Em seguida, um frentista, que foi entrevistado, afirma ter sido a primeira vez que viu essa situação de enchente. Já o coordenador da Defesa Civil de Jaú destaca o papel de assistência social ao dizer que disponibilizou um local para funcionar como abrigo, além de roupas e mantimentos.

Foi mostrada uma casa inundada, com refrigerador e aparelho televisor caídos. O repórter, então, se valeu de um tom emotivo ao ser focalizado em meio aos objetos danificados pela chuva, ao lado de uma árvore de Natal, e afirmou que “Esta era uma árvore de Natal que estava sendo preparada pela família, só que, neste ano, a data não vai ter o mesmo significado”.

Depois aparece trecho de entrevista de um morador que, pela segunda vez, teria sido atingido pela enchente, e o repórter pergunta ao entrevistado “É culpa do que a inundação na sua casa?”. O morador, então, responde: “A culpa é de falta de escoamento de água, não tem para onde a água ir quando chove, ela represa e retorna tudo pra dentro das nossas casas”.

Para mostrar o nível da água, o repórter afirma que ela chegou a encobrir as roupas que estavam no varal e quase atingiu um pássaro que aparece na gaiola: “Gaiola do pássaro que fica a mais de dois metros de altura e quase morreu afogado”. Outro morador diz que pegou o filho, saiu nadando e ainda bem que estavam vivos: “Isso aí é bens materiais, a gente consegue tudo de novo, né?”.



Em seguida, o repórter questiona “Mas os estragos poderiam ter sido evitados?” e acrescenta que, de acordo com o diretor do Saemja, o descarte inadequado de lixo agravou as consequências da chuva forte. Depois ele dá voz ao coordenador do Saemja, o qual afirma ter percorrido diversos pontos de alagamento junto com o coordenador da Defesa Civil, e que, inclusive, limpavam as galerias que estavam cheias de sacolas de lixo, sofás e cadeiras. “É assim, uma coisa assim bem lamentável, né? De tá essa falta de educação da população. Precisaria assim, ter uma conscientização melhor para que eles cuidassem mais, separassem o lixo, uma coleta de lixo legal pra que não acontecesse isso”.

O apresentador procura, na sequência, opinar, por meio de um equilíbrio entre as versões apresentadas pelos entrevistados, sobre a causa da chuva. “Se precisa de escoamento aí de água tem que ser feito alguma coisa, né? Fazer uma campanha aí para conscientizar a população a também não jogar lixo para ter um escoamento melhor e evitar essa situação que a gente viu”.

A linguagem empregada pode ser considerada de fácil entendimento. O assunto foi apresentado no formato de uma história. Quanto à aplicabilidade dos conteúdos, percebemos que apenas é apontado que o descarte inadequado de sacolas plásticas e móveis pode agravar a situação, sendo que essa informação é exposta por um entrevistado. Aspecto como legislação ambiental nesse tipo de situação não é algo explorado. Também não é mostrado se existe algum planejamento por parte da prefeitura para resolver o problema de escoamento de água citado na reportagem e como o mesmo deveria ser realizado, além de explicar a maneira de as pessoas separarem o lixo, o procedimento para entregar materiais reciclados, dias de coleta desses produtos, tendo em vista que esse aspecto foi apontado como um agravante. O enquadramento nesse caso foi o de emotividade.

Os participantes comentaram bastante essa reportagem, sendo que, em alguns locais, a questão do lixo mencionada nessa matéria prevaleceu nas discussões, embora não fosse o foco principal da matéria. Nesse caso, notamos que a interpretação de diversas pessoas esteve associada a um dos pontos abordados na reportagem, ou seja, de todo o conteúdo apresentado um aspecto se sobressaiu na produção de sentidos de vários integrantes dos grupos em relação ao que foi veiculado. A discussão sobre o assunto lixo ganhou força na Horta dos Comerciantes. Eles citaram que diversos produtos são colocados no lixo e que também não há como guardar porque não existe



quem recolha esse tipo de material. Um exemplo mencionado pelo Participante 4 foi sobre a caixinha de leite: “Se junta dois três sacos de caixinha, o que acontece? Caixinha de leite aquele cheiro horrível, junta rato. Você acaba colocando no lixo. Você vai fazer o quê? Você acaba colocando no lixo porque não tem como guardar”. Já a Participante 2 disse: “É importante, acho que vai aprendendo a fazer melhor, a limpar melhor da rua, do quintal, não jogar.”

A mediação individual cognitiva proposta por Orozco, ou seja, que parte do sujeito enquanto membro de uma cultura, foi notada em discussão do grupo sobre coleta de lixo, provocada após exibição de reportagem sobre chuva em Jaú. Os seguintes discursos mostram essa situação: “Sabe o que eu acho que tinha que fazer? Passar uma carrocinha catando tudo, cachorro que tira” (Participante 1 - Horta Comercíarios); “mas o povo também [...] o lixeiro passa terça, quinta, e tem gente que coloca o lixo na rua no domingo. O cachorro tá pela rua. Coloca às oito horas, ele passa sete e meia. Custa pôr o lixo na hora certa?” (Participante 4 - Horta Comercíarios).

Além de ser um assunto já comumente abordado pela TV, a não utilização de termos mais técnicos, o maior tempo da reportagem e a utilização de “personagens”, ou seja, de pessoas que vivenciaram a situação, além do tom emotivo parecem ter sido elementos que contribuíram tanto para maior compreensão dos participantes como pelo interesse demonstrado.

No entanto, uma das integrantes apontou solução para um dos trabalhadores mostrados na reportagem, não apenas demonstrando piedade: “Aquele da enchente lá, o homem devia mudar daquela cidade. Se deu uma vez, duas vezes, porque não sai do lugar? Tem que ser esperto porque ficar no lugar, porque insistir, né?” (Participante 3 - Horta Jardim Ciranda). Nesse caso, identificamos a mediação socialidade apresentada por Martín-Barbero.

Ainda nessa direção, observamos que outras falas revelam que a emotividade em relação aos moradores presente na reportagem não teve impacto em vários dos participantes dos grupos focais. Um integrante da Horta do Asilo falou que a enchente é por falta de conscientização das pessoas: “elas são culpadas”, sendo que essa declaração foi realizada logo após um morador ter explicado na reportagem o motivo que considerava responsável pela inundação na casa dele e ter atribuído o problema à falta de escoamento de água.



Também vale destacar que a explicação apresentada por um entrevistado depois de o repórter fazer o seguinte questionamento: “Mas os estragos poderiam ter sido evitados?” teve maior destaque na interpretação de algumas pessoas sobre o assunto mostrado como neste trecho: “Dá pra ver que a maioria dos lugares onde dá enchente, é culpa deles mesmo. Tá cheio de sujeira. Eles mesmo que estão enchendo de lixo” (Participante 2 - Vila Ema).

Dessa maneira, notamos que nem sempre dar voz a diversos envolvidos na reportagem garantirá que os telespectadores considerem todos os aspectos apresentados nas leituras que fazem sobre o conteúdo que assistem e que a maneira como determinados trechos são salientados interfere na percepção do público.

Reportagem: Raio que atingiu trabalhadores rurais em Monte Alto

O repórter inicia essa reportagem dizendo que: “Na lavoura o clima é de tristeza”. Quanto aos entrevistados, foram ouvidos o marido de uma mulher atingida pelo raio e o dono da plantação, o qual comenta que a tempestade apavorou a todos: “Saiu fogo pra todo lado. Na carreta assim, você só viu língua de fogo assim, dava medo de ver”.

Nota-se um apelo a depoimentos e falas emocionadas. Quanto ao aspecto educativo, poderia ter sido mostrado como as pessoas devem se portar nessa situação.

Os integrantes da Horta Comunitária do Asilo associaram essa reportagem a casos que eles conheciam sobre pessoas atingidas por raios, dando maior ênfase em suas falas a situações já vivenciadas que ao conteúdo veiculado, conforme percebemos nesses trechos: “O raio matou um colega meu na porta do barraco no Aeroporto. Encostou na planta, o raio veio e matou na hora. No meio de uma fazenda o raio veio, pegou fogo na casa, conseguiram apagar e matou um senhor (Participante 1); “Onde eu tava lá caiu num rapaz, matou na hora (Participante 2)”. Nos comentários desses integrantes sobre essa reportagem se sobressaiu a mediação socialidade proposta por Martín-Barbero.

Nos outros grupos, o assunto não foi abordado.



Considerações finais

Foi possível constatar que o enquadramento emotivo predominou na maioria das reportagens analisadas. De maneira geral, a linguagem empregada pode ser considerada de fácil compreensão. Percebe-se também coloquialidade e maior informalidade por parte do apresentador, além de ele realizar comentários sobre os assuntos mostrados.

Ainda pode-se dizer que, mesmo com a pluralidade de opiniões nas reportagens, é possível criar um quadro que conduza à visão que se pretende mostrar.

Porém, apesar de haver certo direcionamento do olhar e o apelo emotivo ter interferido na percepção do público em alguns momentos, nota-se que houve produção de sentidos das mensagens a partir de repertórios dos integrantes dos grupos focais. Várias vezes as mediações ficaram evidentes nas leituras dos vídeos realizadas pelos integrantes das hortas.

Assim, nem sempre prevaleceu o discurso hegemônico da TV, mas também foi possível identificar a associação dos conteúdos veiculados ao cotidiano dos receptores, aos conhecimentos adquiridos por eles de diversas maneiras ao longo de suas vidas. Ainda observamos certa criatividade ao enfocarem aspectos relacionados aos temas abordados, mas não presentes nas reportagens como no caso do vídeo que abordou chuva no município de Jaú, em que é discutida a questão da reciclagem, e da remoção de amianto no município de Avaré, reportagem na qual uma participante aborda as telhas presentes em sua casa e que foram produzidas com esse material tóxico.



REFERÊNCIAS

COSTA, M. E. B. Grupo focal. In: DUARTE, J.; BARROS, A. (org.). **Métodos e técnicas da pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Editora Atlas, 2005.

DORNELES, L. N. Revisitando o modelo das múltiplas mediações. Disponível em:
<<http://www.portcom.intercom.org.br/novosite/pdfs/40502250917835649378720533427392573371>>. Acesso em 24 jun. 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa nacional por amostra de domicílios 2009** - Síntese de indicadores. Disponível em:
<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2009/pnad_sintese_2009.pdf>. Acesso em: jan. 2011.

JACKS, N; ESCOSTEGUY, A. C. **Comunicação e Recepção**. São Paulo: Hacker Editores, 2005.

_____ (coord.); MENEZES, D.; PIEDRAS, E. **Meios e audiências: a emergência dos estudos de recepção no Brasil**. Porto Alegre: Sulina, 2008.

LEAL, P. M. V. **Análise de Enquadramento Noticioso Televisivo: O Jornal Nacional e a representação dos atores envolvidos no Caso do Morro da Providência**. Disponível em:
<<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-2645-1.pdf>>. Acesso em: 14 mar. 2011.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. 2ª ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

OROZCO, G. **Televisión y audiencias: un enfoque cualitativo**. Madrid: Ediciones de La Terra, 2006.

PORTO, M. **Televisão e política no Brasil: a Rede Globo e as interpretações da audiência**. Rio de Janeiro: E-papers, 2007.

WOTTRICH, L.; SILVA, R.; RONSINI, V. **A Perspectiva das Mediações de Jesús Martín-Barbero no Estudo de Recepção da Telenovela**. Disponível em:
<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-1712-1.pdf>. Acesso em 10 fev. 2011.